

ATAQUES NAS ESCOLAS NO BRASIL: PESQUISA DESCRITIVA SOBRE AS CARACTERÍSTICAS DOS INCIDENTES OCORRIDOS ENTRE 2001 E 2024

ATTACKS IN SCHOOLS IN BRAZIL: DESCRIPTIVE INQUIRY INTO THE CHARACTERISTICS OF THE INCIDENTS BETWEEN 2001 AND 2024

Leandro Ayres França¹  

University of Reading, United Kingdom
l.franca@reading.ac.uk

Nadine M. Connell² 

Griffith University, Australia
n.connell@griffith.edu.au

Mateus Augusto Silveira Ribeiro³  

Universidade de Santa Cruz do Sul, UNISC, Santa Cruz do Sul/RS
matt.gre13@gmail.com

DOI: <https://doi.org/10.5281/zenodo.13323464>

Resumo: Utilizando um protocolo de coleta de dados de fontes abertas, o artigo examina as características dos ataques em escolas no Brasil entre 2001 e 2024, discutindo semelhanças e diferenças com outros eventos internacionais. A pesquisa ressalta a importância de estudar os ataques nas escolas como uma forma distinta de violência.

Palavras-chave: Brasil; ataque; escola; fontes abertas; violência.

Abstract: Applying an open-source data collection protocol, the article examines the characteristics of school attacks in Brazil between 2001 and 2024, discussing similarities and differences with other international events. The research highlights the importance of studying school attacks as a separate form of violence.

Keywords: Brazil; attack; open source; school; violence.

1. Introdução

O Brasil tem registrado um crescimento rápido e inesperado de ataques em escolas (Gráfico 1).

Não é incomum tratar os tiroteios em escolas como um fenômeno estadunidense unidimensional e, com base em uma premissa de universalidade, projetar suas características típicas e etiologias (explicações causais) para o contexto mais amplo da segurança escolar em todo o mundo.

Roza e Telles (2024) sugerem que uma possível explicação para o aumento dos ataques em escolas no Brasil poderia ser a influência que os assassinatos em massa ocorridos nos EUA exercem sobre os possíveis perpetradores, que tentam usar métodos e características similares, em sintonia com o que alguns chamam de “globalização dos tiroteios em massa americanos”. Os dados por nós coletados indicam que, apesar de algumas semelhanças, esse fenômeno regional não pode ser adequadamente compreendido pelas lentes criminológicas do Norte global.

¹ Pós-Doutor, Doutor e Mestre em Ciências Criminais pela PUC-RS. Lecturer in Criminology na University of Reading. Associate Editor do International Criminology. Coordenador do CRIMLAB. Link Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2884543712316390>. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-7826-4079>.

² Doutora em Criminology and Criminal Justice pela University of Maryland (EUA). Associate Professor na Griffith University (Austrália). Fellow do Griffith Criminology Institute. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-1192-8325>.

³ Estudante de graduação do curso de Direito da UNISC, com mobilidade acadêmica em Ciência Política e Relações Internacionais na Universidade da Beira Interior (Portugal), Erasmus 2022-2023. Membro do CRIMLAB. Link Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9070992557962950>. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-0239-2904>.

* Os dados foram originalmente apresentados na conferência da British Society of Criminology, em Glasgow, julho 2024.

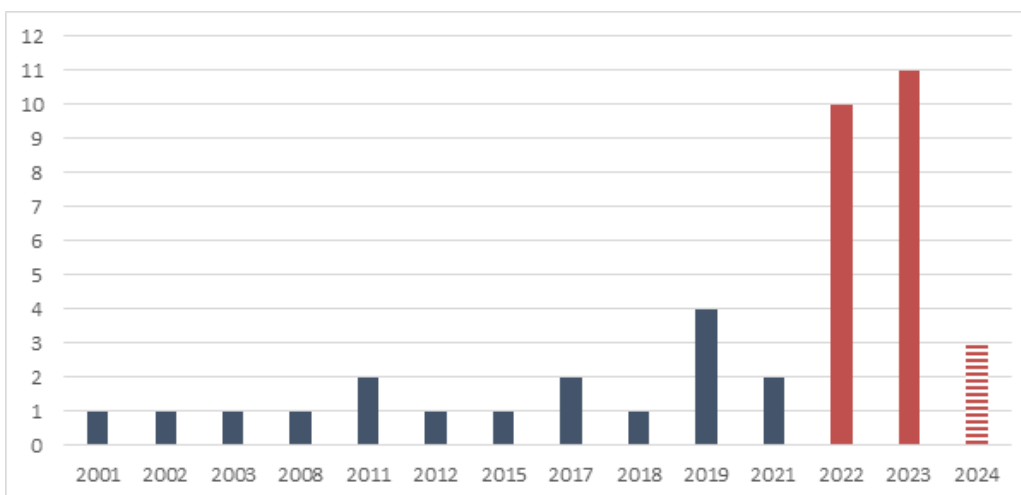


Gráfico 1 – Ataques em escolas no Brasil, por ano, de 2001 a 2024

Nota: os dados foram coletados até março de 2024; há uma tendência de manutenção ou superação do número de incidentes em comparação com os dois anos anteriores.

O artigo começa com uma discussão sobre como as ansiedades públicas sobre os espaços escolares foram aprofundadas e deslocadas pelo aumento de incidentes violentos. Em seguida, é feita uma análise descritiva das características dos ataques em escolas no Brasil entre 2001 e 2024. Por fim, são discutidas as semelhanças e diferenças com ataques em escolas no contexto internacional.

2. Segurança nas escolas

Hoje, as escolas são lugares mais seguros do que eram no passado e são, sem dúvida, um dos espaços mais seguros para jovens. Entre 2012 e 2022, no Brasil, o percentual de crianças (5 a 14 anos de idade) e adolescentes (15 a 19 anos de idade) que foram vítimas de violência (em geral) foi maior em suas casas (65,6% e 47,5%,

respectivamente) e em espaços públicos (10,4% e 29,2%) do que nas escolas (5,4% e 3,2%) (Cerqueira; Bueno, 2024, p. 34). Isso é consistente com as estimativas internacionais das tendências de homicídios de jovens, em que as crianças mais jovens têm maior probabilidade de serem vítimas de violência familiar fatal, e os adolescentes mais velhos, especialmente os meninos, têm maior probabilidade de serem vítimas de homicídio relacionado ao crime organizado e ao envolvimento com gangues (United Nations Office on Drugs and Crime, 2023). Se limitarmos a análise ao local onde ocorreram mortes violentas intencionais nos últimos três anos no Brasil, é possível ver a predominância de espaços domésticos e públicos, com o primeiro prevalecendo com vítimas entre 0 e 11 anos, e o segundo com vítimas entre 12 e 17 anos (Gráfico 2).

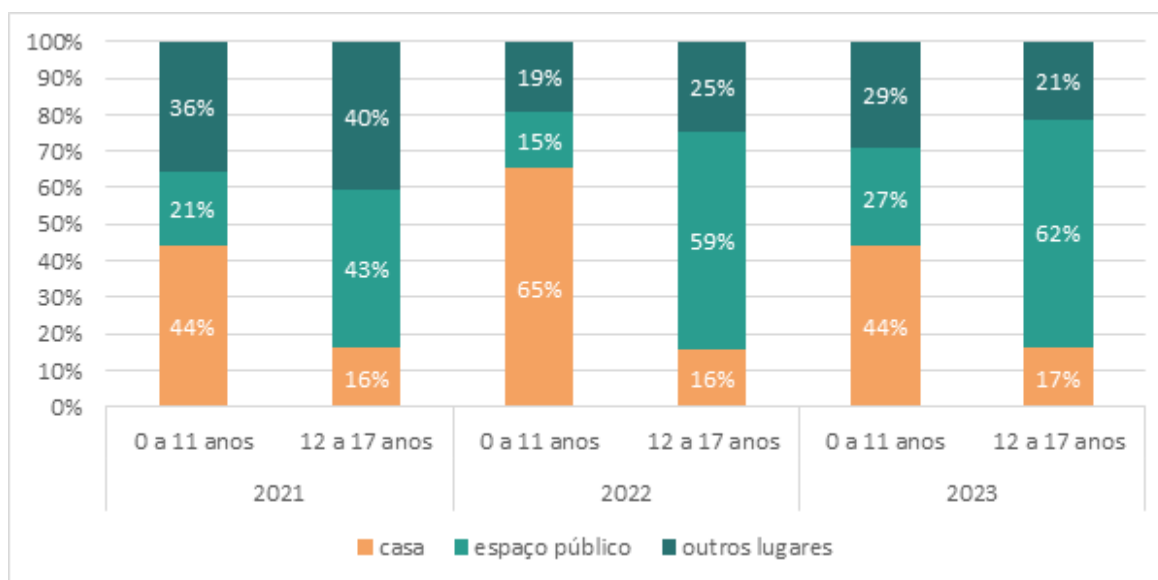


Gráfico 2 – Locais onde ocorreram mortes violentas intencionais de crianças e adolescentes no Brasil, de 2021 a 2023

Nota: 2021, n (0-11) = 248, n (12-17) = 2.307; 2022, n (0-11) = 211, n (12-17) = 2.278; 2023, n (0-11) = 263, n (12-17) = 2.036.

Fonte: Fórum Brasileiro de Segurança Pública (2022, p. 218 e 235; 2023, p. 187 e 201; 2024, p. 194 e 210).

As recentes preocupações com o aumento de incidentes violentos nas escolas, no entanto, aprofundaram e desorientaram os medos da população. Uma pesquisa com alunos do nono ano identificou que a proporção de estudantes nas capitais que deixaram de ir à escola por se sentirem inseguros nela mais do que dobrou, passando de 5,4% em 2009 para 11,3% em 2019; nas escolas públicas, o percentual aumentou de 6,1% para 12,7%; nas escolas privadas, o percentual foi de 2,9% para 7,7% (**Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, 2022, p. 129**). Cuiabá e Recife foram as cidades com as maiores chances de os alunos faltarem às aulas devido à percepção de falta de segurança na escola (**Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, 2022, p. 130**). Vale registrar que, nos dados que coletamos, não foram identificados ataques violentos em escolas nessas cidades entre 2001 e 2024. A percepção da violência difere da real incidência da violência, e a mídia desempenha um papel importante nessa distorção. Uma pesquisa do **Instituto de Pesquisa DataSenado (2023)** revelou que, quando perguntados sobre como ficaram sabendo de recentes casos de violência (em geral) nas escolas, os entrevistados disseram que ficaram sabendo mais pelo noticiário (93%), pelas mídias sociais (83%) e por conversas em que alguém falou sobre o assunto (63%) do que como testemunhas diretas do fato (22%) ou tendo conversado com uma vítima (17%).

3. Critérios de inclusão

Utilizando um protocolo de coleta de dados de fontes abertas, que incluiu fontes de notícias locais e internacionais e publicações em mídias sociais, analisamos qualquer ataque grave que tenha ocorrido nas dependências de pré-escolas, escolas primárias e secundárias durante o dia letivo, de agosto de 2001 a março de 2024. Um ataque grave foi definido como uma tentativa direcionada por um perpetrador, ou perpetradores, de usar uma arma para causar ferimentos em pelo menos uma outra pessoa na escola durante o dia letivo. Os suicídios não relacionados a ataques não foram incluídos na amostra. Para ser considerado grave, um ataque poderia incluir fatalidades, ferimentos múltiplos e armas perigosas. O dia letivo foi definido como o período em que se espera razoavelmente que jovens em idade escolar estejam presentes nas atividades acadêmicas e extracurriculares. A Figura 1 ilustra a dinâmica dos critérios de inclusão. Os dados coletados usando esses critérios de inclusão foram posteriormente comparados com outras publicações para fins de integralidade (**Brasileiro et al., 2024, Cara, 2020; Langeani, 2023; Vinha et al., 2023**).

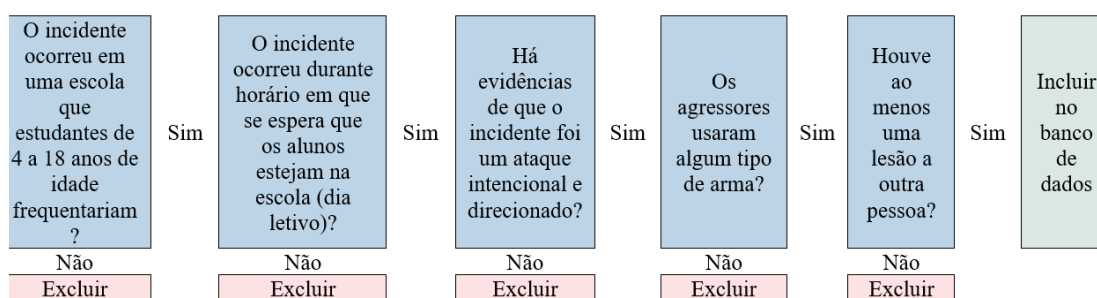


Figura 1 – Fluxograma dos critérios de inclusão

Critérios de inclusão restritivos podem excluir muitos casos do banco de dados, mas eles evitam confusão e melhoram a análise do fenômeno específico. Nesse sentido, nem todos os pontos de contato entre ambiente escolar e atos de violência foram incluídos em nossa análise. Em 2021, por exemplo, diretores de 1.295 escolas no Brasil relataram situações de tiroteios ou balas perdidas (**Fórum Brasileiro de Segurança Pública, 2023, p. 349**); as situações que não atenderam aos critérios de inclusão (imagine uma troca de tiros entre policiais e criminosos em frente ao portão da escola, ou um fogo cruzado entre grupos criminosos rivais sobre o prédio da escola) não foram incluídas em nossa pesquisa.

4. Amostra

Durante o período selecionado, foram identificados 41 ataques envolvendo 42 escolas (em um incidente, o perpetrador atacou duas escolas). Quarenta e quatro perpetradores foram responsáveis por esses ataques, sendo que três incidentes tiveram dois perpetradores em coautoria.

4.1. Informações sobre os incidentes

Dos incidentes, 31,7% foram fatais, com fatalidades variando de 1 a 12 vítimas em cada caso. Como resultado, o Brasil tem atualmente uma média de fatalidades de 3,31. Em 73,2% dos incidentes, pelo menos uma vítima era estudante da escola. Em 39% dos incidentes, pelo menos um funcionário da escola foi vítima. Em média, os ataques duraram aproximadamente 12 minutos, sendo que o ataque mais curto durou apenas 2 minutos e o mais longo, 40 minutos.

4.2. Armas

Diferentes tipos de armas foram usados nos ataques em escolas: desde armas de fogo de porte ou curtas (revólver, pistola) até outras armas de longo alcance (besta), passando por instrumentos cortantes (faca) a instrumentos contundentes (martelo), incluindo materiais explosivos e inflamáveis. Em apenas um incidente foi registrado o uso de arma de fogo portátil ou longa. Em alguns incidentes, foram identificadas várias armas.

As facas foram identificadas em 61% de todos os incidentes (n = 41), seguidas por armas de fogo (46,3%) e explosivos (26,8%). Nos incidentes fatais (n = 13), as armas de fogo foram predominantes (76,9%), seguidas por facas (38,5%) e explosivos (15,5%). Essa

diferença pode ser explicada pela letalidade de diferentes armas: as armas de fogo aumentam o alcance do ataque e são mais letais do que as facas. Analisando 24 ataques realizados entre 2002 e 2023, **Langeani** (2023, p. 12) identificou que os ataques com tiros resultaram em três vezes mais fatalidades. **Langeani** (2023, p. 13) também constatou que 60% das armas de fogo utilizadas foram obtidas na própria casa do perpetrador e pertenciam a seu pai, mãe ou outro parente; além disso, 60% delas eram legalmente registradas.

Em 2017, as regras que regem o trânsito de armas de fogo no País foram flexibilizadas. Durante o governo Bolsonaro (2019–2022), várias medidas facilitaram a aquisição de armas de fogo e munições, bem como o acesso a armas de calibres anteriormente restritos. Entre 2017 e 2023, houve um aumento de 227,3% nos registros ativos de armas de fogo, resultando em um total estimado de 4,8 milhões de armas de fogo no País (**Fórum Brasileiro de Segurança Pública**, 2024, p. 223 e 240). Embora o governo Lula (2023–) tenha proposto uma regulamentação mais rígida para as armas de fogo, o mercado delas continua a crescer; e o principal problema é que elas são bens duráveis. Se os registros de hoje mostram a violência perpetrada com armas de fogo fabricadas há décadas — e os ataques nas escolas também mostram isso —, não é exagero pensar que as armas que entraram em circulação nos últimos cinco anos estarão ainda circulando nas próximas décadas (**Fórum Brasileiro de Segurança Pública**, 2023, p. 230).

4.3. Informações sobre as escolas

Das escolas atacadas, 83,3% eram escolas públicas, localizadas em diferentes estados. A maioria das escolas onde foram identificados ataques nesse período (57,1%) oferecia ensino fundamental e médio. Um terço das escolas (33,3%) oferecia somente o ensino primário. Deve-se salientar que o Brasil tem muitas escolas com todos os níveis de ensino, ao passo que essa não é uma estrutura tão comum em outros países, onde geralmente há escolas separadas em pontos etários específicos (tradicionalmente por volta dos 13 ou 14 anos de idade). A predominância de escolas com diferentes níveis educacionais nos incidentes examinados pode indicar que os autores de ataques em escolas brasileiras não se orientam por faixas etárias ou séries específicas.

4.4. Informações sobre os perpetradores

Todos os perpetradores são do sexo masculino. A maioria (72,7%) tinha menos de 18 anos, com uma idade média de 16,7 anos. Trinta e nove dos 44 perpetradores (88,6%) eram alunos matriculados ou ex-alunos da escola. Os ex-alunos incluem os que se formaram na instituição, os que se transferiram dela e os que abandonaram o curso (Gráfico 3).

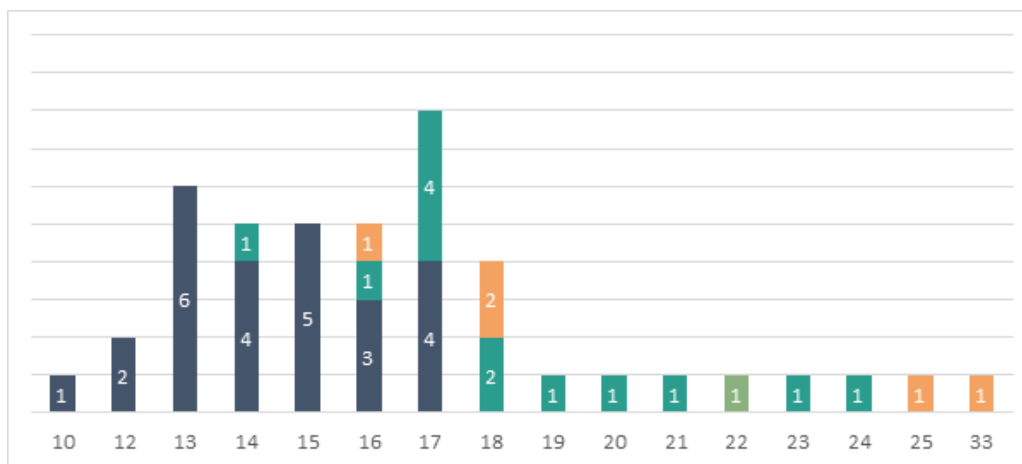


Gráfico 3 – Distribuição dos perpetradores por idade e sua relação com a escola atacada

Legenda: *n* perpetradores que eram alunos matriculados; *n* perpetradores que eram ex-alunos; *n* perpetradores não relacionados à escola atacada; *n* perpetrador não relacionado à escola atacada, mas que estudou anteriormente em uma escola administrada pelo diretor da escola-alvo.

Dois perpetradores tinham passagem anterior pela justiça criminal, com prisão relacionada a comportamento violento; sete apresentavam evidências de comportamento violento anterior, conforme relatado por conhecidos e/ou pela polícia. É importante mencionar que a falta de informações sobre antecedentes decorre também da idade dos perpetradores (segredo de justiça).

Cinco perpetradores cometeram suicídio no local do ataque, um após o incidente e enquanto estava em custódia policial. As fontes analisadas não relatam "suicídio por policial" (*suicide by cop*) em nenhum dos casos.

5. Semelhanças e diferenças

Semelhante a outros eventos internacionais, a maioria dos incidentes no Brasil tem um perpetrador cada, com poucos ataques realizados por mais de dois perpetradores. Apesar de ser considerado um "American phenomenon", tanto no Brasil quanto internacionalmente, a arma preferida é a arma de fogo, e a maioria dos perpetradores está armada apenas com armas de fogo.

No geral, porém, algumas peculiaridades se destacam:

- Com relação à análise dos incidentes, o Brasil tem uma média de fatalidades (3,31) superior à média da América do Sul — que inclui alguns dos ataques no Brasil —, mas inferior à do resto do mundo. Isso pode ser explicado por vários fatores: algumas médias regionais incluem outliers (pontos fora da curva), como o Massacre da Escola Walisongo na Indonésia (Ásia) e o Cerco à Escola Beslan na Rússia (Europa); os ataques no Brasil majoritariamente não envolveram armas de fogo portáteis ou longas, e o tipo de arma de fogo usada era geralmente de calibres menores; e não há quase nenhuma evidência de treinamento/prática prévia por parte dos perpetradores.
 - Uma segunda distinção importante é que o Brasil tem um percentual maior de escolas primárias atacadas (33,3%) em comparação com incidentes internacionais (20%). Isso está alinhado com as informações do Atlas da Violência 2024: a violência (em geral) nas escolas é mais comum entre crianças (Cerqueira; Bueno, 2024, p. 33).
 - Os ataques foram cometidos por perpetradores mais jovens: o Brasil tem uma idade média de 16,7 anos, com variação de 10 a 33 anos, enquanto os eventos internacionais têm uma idade média de 21,3 anos, com variação de 11 a 68 anos. Comparativamente, os perpetradores de ataques em escolas no Brasil têm maior probabilidade de ter vínculo ativo com as escolas.
- Os ataques em escolas, especialmente os tiroteios, há muito tempo são considerados um *"American phenomenon"*, apesar das evidências em contrário. Como resultado, os pesquisadores têm limitado sua capacidade de criar um quadro compreensivo dos perpetradores e de seu comportamento, o que poderia ser usado para orientar as estratégias de prevenção e intervenção. Tenha o ataque ocorrido por contágio, imitação ou como caso isolado, a inclusão do contexto local contribuirá muito para que as autoridades escolares e policiais criem respostas políticas significativas.

Informações adicionais e declarações dos autores (integridade científica)

Declaração de conflito de interesses: os autores confirmam que não há conflitos de interesses na condução desta pesquisa e na redação deste artigo. **Declaração de autoria:** todos e somente os pesquisadores que cumprem os requisitos de autoria deste artigo são listados como autores; todos os coautores são totalmente responsáveis por este trabalho em sua

totalidade. **Declaração de originalidade:** os autores garantiram que o texto aqui publicado não foi publicado anteriormente em nenhum outro recurso e que futuras republicações somente ocorrerão com a indicação expressa da referência desta publicação original; eles também atestam que não há plágio de terceiros ou autoplágio.

Como citar (ABNT Brasil)

CONNEL, Nadine M.; FRANÇA, Leandro Ayres; RIBEIRO, Mateus Augusto Silveira. Ataques nas escolas no Brasil: pesquisa descritiva sobre as características dos incidentes ocorridos entre 2001 e 2024. **Boletim IBCCRIM**,

São Paulo, v. 32, n. 383, p. 18 -22, 2024. DOI: <https://doi.org/10.5281/zenodo.13323464>. Disponível em: https://publicacoes.ibccrim.org.br/index.php/boletim_1993/article/view/1612. Acesso em: 1 out. 2024.

Referências

BRASILEIRO, Juliana Montenegro; SANTOS, Larissa Medeiros Marinho dos; SILVA, Nilma Renildes da. De Columbine a Suzano: uma análise sócio-histórica de atentados escolares. *Psicologia USP*, São Paulo, v. 35, e190164, 2024. <https://doi.org/10.1590/0103-6564e190164>

CARA, Daniel (Org.). *O extremismo de direita entre adolescentes e jovens no Brasil*: ataques às escolas e alternativas para a ação governamental. São Paulo: Campanha Nacional pelo Direito à Educação, 2022. Disponível em: <https://tinyurl.com/cara-extremismo>. Acesso em: 11 ago. 2024.

CERQUEIRA, Daniel; BUENO, Samira (Coord.). *Atlas da violência 2024*. Brasília: Ipea; FBSP, 2024. Disponível em: <https://tinyurl.com/atlasviolencia2024>. Acesso em: 11 ago. 2024.

FÓRUM BRASILEIRO DE SEGURANÇA PÚBLICA. *16º Anuário Brasileiro de Segurança Pública*. São Paulo: FBSP, 2022. Disponível em: <https://publicacoes.forumseguranca.org.br/handle/fbsp/58>. Acesso em: 11 ago. 2024.

FÓRUM BRASILEIRO DE SEGURANÇA PÚBLICA. *17º Anuário Brasileiro de Segurança Pública*. São Paulo: FBSP, 2023. Disponível em: <https://publicacoes.forumseguranca.org.br/handle/123456789/229>. Acesso em: 11 ago. 2024.

FÓRUM BRASILEIRO DE SEGURANÇA PÚBLICA. *18º Anuário Brasileiro de Segurança Pública*. São Paulo: FBSP, 2024. Disponível em: <https://publicacoes.forumseguranca.org.br/handle/123456789/253>. Acesso em: 11 ago. 2024.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. *Pesquisa nacional de saúde do escolar*: análise de indicadores comparáveis dos escolares do 9º ano do ensino fundamental municípios das capitais: 2009/2019. Rio de Janeiro: IBGE, 2022. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv101955.pdf>. Acesso em: 11 ago. 2024.

INSTITUTO DE PESQUISA DATASENADO. *Violência nas escolas*: junho/2023. Brasília: Senado Federal, 2023. Disponível em: <https://tinyurl.com/datasenado-violencia>. Acesso em: 11 ago. 2024.

LANGEANI, Bruno. *Raio-X de 20 anos de ataques a escolas no Brasil*: 2002-2023. São Paulo: Instituto Sou da Paz, 2023. Disponível em: <https://tinyurl.com/soudapaz-raiox>. Acesso em: 11 ago. 2024.

ROZA, Thiago Henrique; TELLES, Lisieux Elaine de Borba. The rise of school shootings and other related attacks in Brazil. *Lancet Regional Health - Americas*, v. 33, 100724, 2024. <https://doi.org/10.1016/j.lana.2024.100724>

UNITED NATIONS OFFICE ON DRUGS AND CRIME. *Global study on homicide 2023*. Nova York: UNODC, 2023. Disponível em: <https://tinyurl.com/unodc-homicide>. Acesso em: 11 ago. 2024.

VINHA, Telma et al. *Ataques de violência extrema em escolas no Brasil*: causas e caminhos. São Paulo: D3e, 2023. Disponível em: <https://tinyurl.com/vinha-ataques>. Acesso em: 11 ago. 2024.